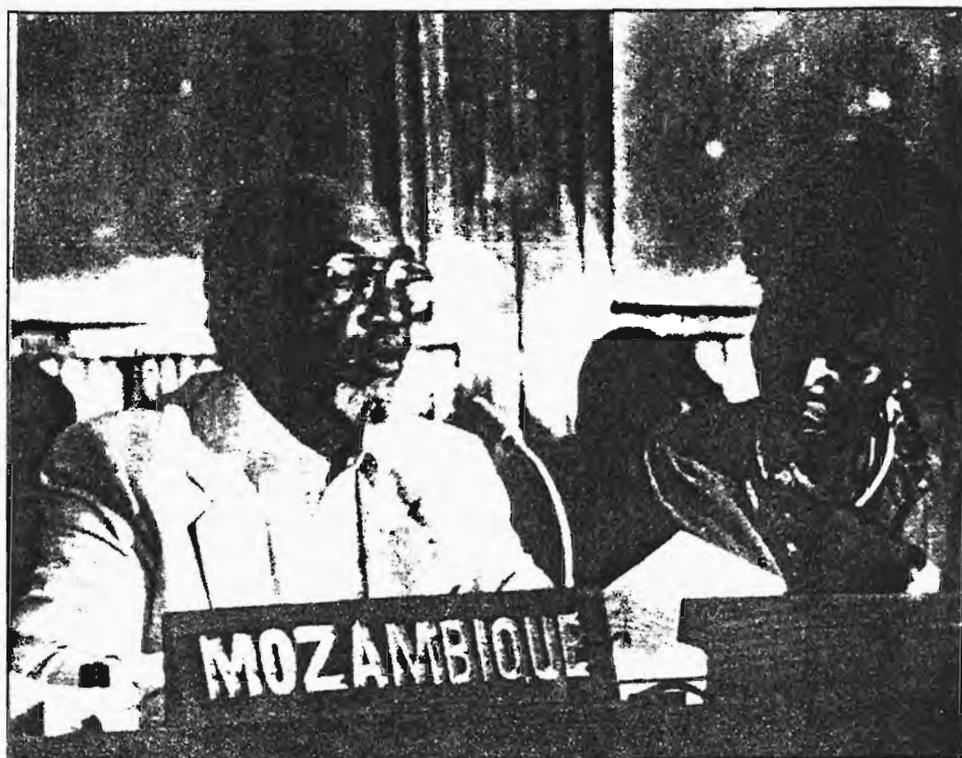


Publicamos neste e no próximo número (por razões de espaço dividimos o texto) a importante intervenção do poeta Marcelino dos Santos ao Congresso Constitutivo da Associação Pan-Africana de Escritores, realizada entre 7 e 11 de Novembro em Accra, no Ghana.

# A luta pela liberdade e tradição dos escritores

-es africanos

POR MARCELINO DOS SANTOS



Marcelino dos Santos e Paulina Chizlane

É com profunda alegria que usamos da palavra nesta grande assembleia reunida aqui na bela cidade de Accra para criar a União Pan-Africana de Escritores.

Os antecedentes deste encontro são muitos e enterram as suas raízes na própria luta de libertação de África e na luta pela reconquis-

ta da nossa personalidade, tão duramente violentada pelo colonialismo. Desde o I Congresso de Escritores e Artistas Negros, que decorreu em Paris, em 1956, até ao Simpósio Literário contra o «apartheid», que teve lugar em Brazzaville em 1987, o denominador comum é a indissolubilidade

da luta pela libertação do nosso Continente, com a conquista de um espaço de dignidade para as nossas culturas, para o Homem africano. Essa foi a razão última da criação da Organização de Unidade Africana cujo secretariado está intimamente empenhado na

ma sempre sonhou e por ela combateu.

Por isso, é com profundo respeito e emoção que saudamos o Conselho Provisório de Defesa Nacional (PNDC), o Povo e o Governo do Ghana pela obra de construção popular que estão a realizar para consolidar a independência e para perpetuar a memória de Kwame N'Krumah.

É grande também a nossa satisfação e gratidão, por vermos o Conselho Provisório de Defesa Nacional, o Governo e o Povo de Ghana, assumirem a grandiosa tarefa de acolher esta magna Assembleia dos Representantes das Letras Africanas.

O Congresso Constitutivo da União Pan-Africana de Escritores tem lugar num momento em que todo o nosso Continente está vibrando pelo avizinhar-se da Independência da Namíbia, pois que foi sempre invocado nos diversos encontros de escritores africanos dentro e fora do Continente. Depois de longos e duros anos de luta armada de libertação, os filhos da terra namibiana amada, vêm materializar-se o objectivo pelo qual tantos sacrifícios consentiram.

Na África do Sul o regime do «apartheid» atravessa a sua maior crise de sempre como resultado da corajosa luta do povo sul-africano guiado pelo ANC e outras organizações democráticas e também da intensificação da acção da comunidade internacional contra o «apartheid». A libertação dos presos políticos que haviam sido condenados à prisão perpétua, é uma nova e grande vitória do movimento libertador sul-africano, e pronuncia a libertação de Nelson Mandela, que encarna para toda a humanidade, a resistência e a grandeza do povo sul-africano.

O fim do «apartheid» será uma grande contribuição para a paz para a África Austral que continua sendo alvo das agressões armadas perpetradas pelo regime do «apartheid», através de forças que ele criou e mantém.

Nós, escritores africanos, vivemos profundamente os acontecimentos que nos últimos anos colocaram a África Austral no foco das atenções mundiais. Desde a libertação das ex-colónias portuguesas que uma vertigem de aconte-

cimentos teve lugar levando a uma mutação do equilíbrio de forças na região.

A luta pela liberdade na África Austral tornou-se uma das maiores epopeias da história moderna e, como em toda a África, aqui também a luta pela liberdade é factor de libertação do pensamento e de consolidação da nossa identidade cultural. Quanto mais o regime do «apartheid» nos agride, mais cresce em nós a consciência nacional e africana, mais se consolida a nossa unidade.

Não é por acaso que os primeiros escritores africanos também foram homens de estado ou destacados activistas políticos.

Falo de homens como N'krumah, Senghor, Eduardo Mondlane, Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Aimé Césaire, Franz Fanon e tantos outros. Eles dedicaram-se a interpretar a dura realidade da África colonizada. Engajaram as suas capacidades literárias ao serviço da causa da libertação africana.

Este compromisso do escritor com a causa da libertação criou raiz no nosso Continente. Assim hoje, encontramos eminentes nomes das nossas letras profundamente vinculados à luta dos respectivos povos pela liberdade política e económica.

Se em escritores como Alex La Guma, falecido há poucos anos em Cuba, encontramos um engajamento total no combate contra o «apartheid» para que a liberdade triunfasse na África do Sul, outros escritores vivendo em países já independentes e livres, encontramos o engajamento na luta contra o neocolonialismo e outras formas de opressão como atitude coerente de posicionamento político ao lado do povo.

Sabemos que esta luta não é fácil e que tem produzido vítimas. Mas há já o reconhecimento mundial da literatura que se produz no nosso Continente, traduzido em especial na atribuição a Wole Soyinka e Mohamed Naguib, de prémios Nobel de Literatura. Todos nos sentimos orgulhosos quando esse concorrido e prestigiado prémio foi atribuído a esses ilustres filhos de África que ganharam a universalidade imbuindo-se na realidade africana, banhando-se na cultura dos seus países.

Neste momento em que vamos

realização deste Congresso Constitutivo da União Pan-Africana de Escritores.

Queremos por isso, com emoção e calorosamente, saudar o Comité Internacional Preparatório da Conferência Constitutiva da Associação Pan-Africana de Escritores, saudar com a mesma emoção e calor a OUA e o seu Secretariado e todos aqueles que estiveram envolvidos na árdua tarefa de tornar realidade este nosso encontro.

Aqui estamos hoje em Accra, em Ghana, onde nos fins da década de 50 e primeira metade da década de 60, em cada grão de areia, em cada flor de capim, em cada criança, em cada homem, em cada mulher, fervia espantosamente bela a alegria da Africanidade, e a grandeza do Freedom Fighter.

Ghana e a sua história misturaram-se com a própria luta de libertação do nosso Continente. Ghana é uma referência obrigatória na vasta galeria dos países que aceitaram sacrifícios para que outros países africanos ganhassem a Liberdade e a Independência.

Pela força do nosso engajamento, pela força do nosso querer, podemos dizer, mesmo se com imodéstia, que a estrela de Kwame N'Krumah brilha hoje com mais intensidade, pois aqui se encontram reunidos e unidos, nesta terra que ele libertou, tantos ilustres filhos de África, engajados numa tarefa tão nobre como o é aquela que nos trouxe aqui, e que constitui uma contribuição à construção da unidade africana, unidade com a qual Kwame N'Kru-

criar a organização continental africana de escritores, vale reafirmar o nosso engajamento, a nossa posição.

Escrever é lutar, é combater, é construir. É lutar e combater para destruir o mal, ver no antigo as raízes e a árvore, e edificar o novo, consolidar a árvore.

Face à essência e aos objectivos da acção, os escritores são cidadãos como qualquer outro cidadão.

É na nossa função que somos específicos como qualquer cidadão o é na sua.

Na nossa acção de criação explicitamos os fenómenos e os acontecimentos, interpretamos, sugerimos, propomos, agimos sobre as mentalidades, influenciámos directamente os homens.

É nossa função.

Partindo ou nascendo de todo e no todo, assumimos o eu e vamos ao nós, na ânsia de sermos sempre melhores.

No nosso quotidiano, nos cruzamos com homens e ideias, vivemos.

Assumimos uma posição no país,

assumimos uma posição num problema específico. Livremente, como cidadãos como qualquer outro cidadão.

Esta acção, esta liberdade, deve ser assumida e defendida.

Escrever o que se sente é uma necessidade. A satisfação desta necessidade, é liberdade.

Trabalhar, produzir, é uma necessidade. A satisfação desta necessidade, é liberdade.

O Poder e a Liberdade devem formar uma unidade, mesmo se apenas por convivência, por tolerância. Só assim, satisfaremos a necessidade.

A imagem é simples.

Mas o fenómeno é complexo.

Primeiro, porque é material e espiritual, porque é político, económico, social, e, obviamente, cultural.

Segundo, porque a materialização da vontade é um processo, não é acção a realizar num só momento, é uma acção longa e com fases.

No nosso Continente, e falamos aqui da África já independente, os conflitos entre o Poder e a Liberdade, levaram vários escritores à prisão e ao exílio, sem nenhuma acção legal.

Não reivindicamos aqui a Liberdade para uma ideologia determinada, para um credo determinado. Não discriminamos.

Nos tempos de hoje, e em termos concretos, diríamos que não reivindicamos a liberdade apenas para aqueles que consideram o capitalismo como sendo o caminho, nem apenas para aqueles para quem o caminho é o socialismo, nem também apenas para qualquer outro caminho.

Reivindicamos a liberdade para todos. Mas repetimos: tudo é um processo, a busca da liberdade é um processo à defesa da liberdade conquistada, é um processo, porque a liberdade está sempre em desenvolvimento, é um dever permanente.

O que dizemos aqui, companheiros, não deve ser entendido como elogio da neutralidade. Significa sim, que identificamos liberdade com o respeito da vontade da maioria — e que a maioria é sempre o povo trabalhador.

Tomemos pois posição como Escritores, como cidadãos. Uma posição ritmada pelos interesses e aspirações das massas populares, dos camponeses, dos operários, dos soldados, de todas as camadas populares. É sempre, porque fundamental, no quadro da nossa história, da nossa cultura, da nossa nação.

Ocupemos este lugar, e assumamos este papel da nossa sociedade.

(CONTINUA)